



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

agora, depois de uns tempos mais, corriam outros cinco, coisa assim, não era tão juntos os caícos (QUARESMA, 2011).

A corrida “de mano”, destacada pelo depoente, era outra característica do funcionamento desta prática no século passado. As carreiras aconteciam a partir de desafios individuais, de provocações a um outro, e isso tinha reflexos até o momento do pagamento, como vimos.

Os acertos não se restringiam exclusivamente a quem iria competir ou que premiação estaria em disputa, mas também as regras da corrida. Seu Mário remonta alguns passos que os navegadores tinham que dar se quisessem alcançar a vitória:

[...] a gente corria num vento só, vamos soltar num determinado lugar, um lugar determinado que a gente tem uma “croa”¹⁷, tudo tem nome né. Daqui desse ponto que nós vamos soltar, nós vamos botar essa bandeira de chegada em tal lugar, pra embarcação chegar na bandeira tinha que pegar na bandeira, não bastava passar da bandeira (DIAS, 2011).

Ele aponta para uma navegação regrada, em que correr “em um vento só”¹⁸, ou seja, numa única direção, assim como pegar e não somente passar pela bandeira de chegada, eram condições estipuladas pelos participantes. Se por ventura o vento viesse a soprar um pouco mais forte próximo a bandeira, sem que o velejador estivesse esperando, ele corria o risco de se afastar, ou então passar rápido demais pela bandeira sem conseguir alcançá-la, dando assim, a oportunidade do seu desafiante, ou desafiado, pegá-la e sagrar-se vencedor da prova.

Deslocando o “efeito lançadeira” que Portelli (2004) utiliza para chamar o ato de ir e vir no tempo por parte do depoente no momento da entrevista, para a escrita do autor, é inevitável trazer as diferenças existentes entre a prática “daquele tempo” e “agora”. A primeira delas é que, as provas atuais, contam com a participação de muitas embarcações, em detrimento das corridas “de mano”, que não são mais utilizadas. Além disso, no que tange a questão da navegação, nas provas organizadas pela Festa do Mar, os barcos correm em “dois ventos”, isto é, a favor e contra o vento. Sendo assim, a largada e a chegada ficam no mesmo local demarcado por duas boias. Os navegadores partem para percorrer uma determinada distância, contornam uma boia e retornam até passarem pelo espaço entre as duas boias demarcadoras o mais rápido possível, sem a necessidade de pegar a bandeira para vencer, como nas provas antigas.

Tanto “naquele tempo” como agora, dentro e fora do barco, antes, durante e depois da prova existem tarefas a serem divididas para que as carreiras de caíco aconteçam, tais como: a confecção das velas, a pintura e transporte dos caícos, e principalmente as funções dos tripulantes a bordo. Sobre isso, geralmente a tripulação é constituída por três pessoas, em que cada um possui um papel na embarcação, discorrido assim, pelo Seu Mário:

¹⁷ Parte da laguna que se configura pela baixa profundidade das águas.

¹⁸ Cabe salientar que nas carreiras mais antigas, os barcos navegavam somente contra o vento.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

O tripulante começando pela proa tem o homem que iça a primeira vela que é o foquim, o cara que trabalha mais na proa. O que trabalha no centro é o que mexe com a base de lastro, ele conforme vira de bordo ele tem que mexer nos sacos de areia, puxa pra cá, puxa pra lá, aqueles lastros que a gente usa né. O homem de popa que é o comando do leme né, aquele é o chefe da coisa ele sabe. Assim que aquilo ali é uma integração, ali dentro entre o homem de popa, que é o comandante do barco e o proeiro que trabalha no foquim, eles tem uma comunicação muito forte né, por que o proeiro tem que manejar o foquim na hora certa né de virar de bordo, tem que ter o conhecimento pra fazer na embarcação, “vamos virar vamos virar”, na hora de virar ele não pode virar o foquim antes ou depois, ele tem que ter sintonia (DIAS, 2011).

Da mesma forma como acontece em outras práticas esportivas, as carreiras de caíco carregam uma série de nomenclaturas e funções bastante específicas de quem navega, trazidas pela voz do Seu Mário, como proa, proeiro e foquim. A proa é a parte da frente da embarcação, conseqüentemente, proeiro é o tripulante que passa a maior parte do tempo neste lugar sendo responsável pelas funções exigidas por tal espaço. Outra função do proeiro é o manejo do foquim, que é uma das velas da embarcação (a menor), também posicionado na proa. Além dela, existe a vela de maior porte, chamada de traquete, responsável pela propulsão do caíco. Mais uma vez as palavras de Seu Mário nos trazem melhor estes funcionamentos:

É, eles trabalham em conjunto né, os dois panos¹⁹. Eles são bem importantes, geralmente o foquim é o pano que a gente não considera por que o foquim é aquela parte que fica na frente na proa da embarcação, e é aquele que faz virar rápido, enfim. Tem muito trabalho pra ele, tem momentos que a gente aqui na festa do mar que corre em dois ventos, a gente quando corre em popa assim, aquele pano até estorva, tem momentos que ele estorva até, mas ele tem que ser utilizado por que ele ou antes ou depois, ele vai ser usado por que se a gente solta em popa, quando voltar em contra o vento ele vai ter que ter a hora dele né. A gente tem que usar ele por isso né. (DIAS, 2011).

¹⁹ “Pano” é a forma como os usuários das embarcações se referem às velas.

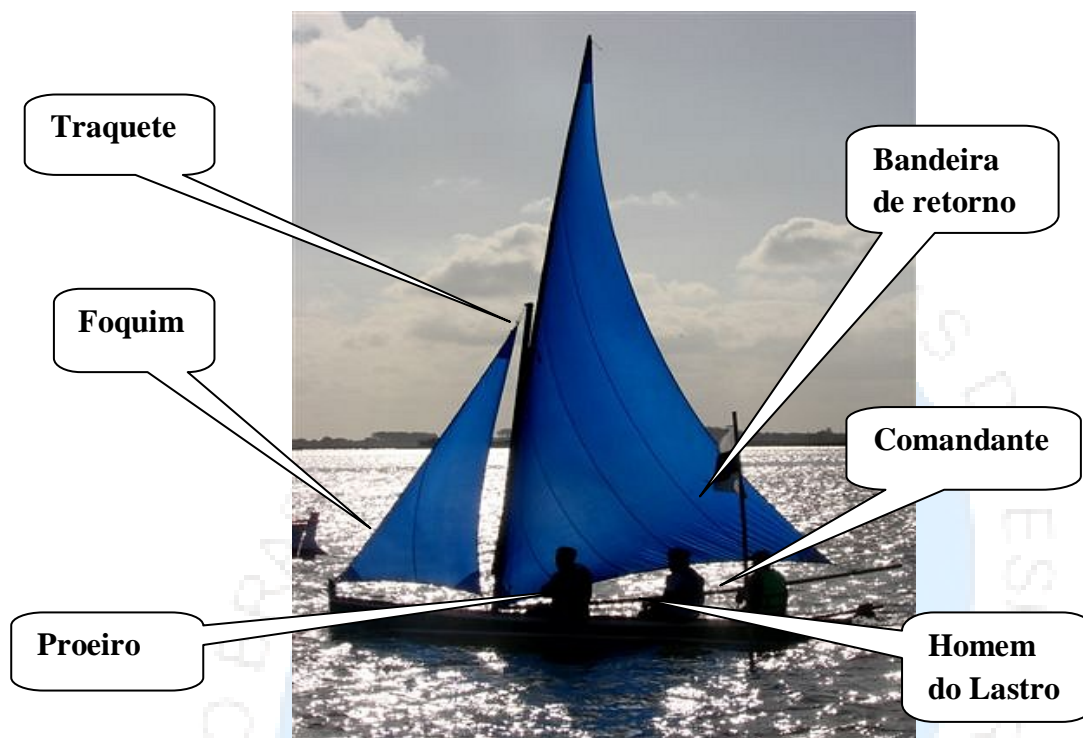


Imagem 1: Indicação das velas e tripulação em pleno ato da corrida de caíco

Em suma, nas explanações de Seu Mário entendemos que é necessário haver sincronismo entre todos os tripulantes da embarcação para que as manobras consigam ser executadas com êxito. Nesse sentido, tanto o “comandante” do barco, o tripulante que move os sacos de areia de um lado para o outro, quanto o proeiro o qual lida com a vela foqueim, devem executar seus movimentos ao mesmo tempo. O primeiro virando o leme, o segundo mudando o peso da embarcação e o terceiro, manuseando o foqueim para que o vento ajude o barco a virar de lado.

Em se tratando da participação da comunidade nas provas, tanto Seu Mário quanto Seu Lido destacam, independente da época, as provas acabavam envolvendo na maior parte apenas competidores, alguns familiares e vizinhos. Como dito anteriormente, todos estes acabam por se constituírem praticantes, pois, de uma forma ou de outra se envolvem no processo, antes, durante e depois das carreiras. Salta aos olhos aqui, apenas a movimentação mesmo que pequena, de torcedores que embarcam em botes, maiores que os caícos que competem, e se posicionam por perto da prova, a fim de acompanhar a carreira e incentivar os competidores.

O TRABALHO E O LAZER “MERGULHADOS” NA LAGUNA

Apesar das carreiras despertarem a curiosidade de turistas e moradores da região sul em razão de seu atual vínculo com a Festa do Mar e por consequência com uma maior visibilidade

midiática, a competição não é a forma mais comum de uso dos caícos e velas. Muito pelo contrário, ao passo que atualmente se realizam duas, ou três carreiras por ano, o uso do caíco como objeto de trabalho no dia-a-dia é algo comum desde o aparecimento desta prática.

[...] as embarcações eram construídas pra trabalho, tudo era objeto de trabalho [...], não tinha grandes investimentos, então a turma ia mais na brincadeira né. [...] por que umas embarcações especializadas para aquilo não tinha era tudo embarcações de trabalho. Como são até hoje, hoje em dia todo mundo usa embarcações de trabalho. Eu não tenho a embarcação que participa não tá na atividade por que eu não tô pescando, mas se tivesse pescando, estaria trabalhando por que tudo é embarcação de se pescar né. A atividade deles era pescar, pegar macega nas ilhas ai enfim (DIAS, 2011).

Por mais que hoje em dia exista investimento por parte dos donos dos caícos no que tange à participação nas provas, as embarcações não deixam de ser funcionais também para o trabalho. O caíco que vence a prova num dia, no outro pode estar na água com o objetivo não de passar pelas boias de chegada, mas sim, de capturar pescados. Não há registro de que se tenha um construído um caíco exclusivamente para a disputa de carreiras.

Torna-se interessante analisar que os usuários dos caícos e da laguna como fonte de renda, os utilizem também para o lazer. Essa estreita ligação pode causar algum espanto para aqueles que tomam o fim de semana²⁰ ou feriado, como espaço de distanciamento do ambiente de trabalho. Este pasmo acaba por corroborar com o pensamento de Mayol (2008), o qual analisa o fim de semana (principalmente o sábado) como o momento onde o usuário poderá se fazer presente em outros espaços, podendo olhar vitrines de lojas ou fazer compras, passando então apenas de produtor para um consumidor.

Por mais que se ressalte que a realização das carreiras se dá em intervalos de tempo consideravelmente longos entre uma prova e outra quando comparadas com outras práticas esportivas, o fato do velejador/competidor ser o mesmo velejador/trabalhador acaba quebrando, mesmo que de maneira sutil, a análise de Pierre Mayol sobre o fim de semana.

Logicamente que a exceção dada no caso dos velejadores/competidores/trabalhadores não se enquadra em outros contextos, tais como os operários de fábricas, que foram a referência do autor para a conceituação do fim de semana. Isso acontece, pois estamos falando de uma prática peculiar, de uma comunidade que possui uma cultura bastante particular, diferenciando, portanto, a

²⁰ Mayol (2008) ao falar sobre o fim de semana analisa a diferença entre os sábados e domingos. Apesar de destinar ambos os dias ao lazer, salienta que o sábado é dedicado ao lazer individual enquanto o domingo é tradicionalmente mobilizado por atividades do tipo familiar. Salientamos, portanto, o fim de semana, tendo em vista que segundo os depoentes, era desse espaço da semana que os moradores se utilizavam para se divertirem, visto que durante a semana os moradores se dedicavam exclusivamente ao trabalho.

vida no âmbito rural²¹, da vida urbana. Já que, ao invés das compras nas grandes lojas, do trânsito e dos prédios, características que podemos vincular ao urbano, no meio rural são construídas outras rotinas a partir das relações estabelecidas com as condições que o próprio local oferece.

Nesta relação entre trabalho e lazer, Camargo & Bueno (2003) ressaltam que: “o mundo do trabalho está cada vez mais associado ao estresse e o mundo do lazer, aspirado pela maioria das pessoas, como fonte de prazer, de liberdade e de promoção da saúde” (p 491). Entretanto, por mais que os usuários dos caícos no dia-a-dia se sintam fadigados pelo trabalho, quando possuem oportunidade, não deixam de participar de uma prova, esta, embora no mesmo ambiente de trabalho, se estabelece como fonte de entretenimento, prazer e liberdade.

Ao encontro dessa ideia, descobrimos em Aquino e Martins (2007) aproximações de lazer com outros substantivos: “o termo lazer é atualmente utilizado de forma crescente, podendo ser empregado em sua concepção real ou ser associado a palavras como entretenimento, turismo, divertimento e recreação” (p.484). Nesse sentido seu Mário partilha seu sentimento sobre sua participação nas carreiras: “*Nossa atividade é brincar, fazer a festa, completar a festa né.*” (DIAS, 2012).

No caso das carreiras e de seus praticantes, o fato da utilização dos mesmos espaços, tanto para o trabalho, quanto para o lazer, não se torna um impeditivo ou um fator que dificulte os deleites proporcionados pelo tempo de lazer. Muito pelo contrário, a “quebra” da rotina, acaba por aproximar o usuário do seu instrumento de trabalho, sem gerar um sentimento de cansaço, fadiga, ou enjojo do seu cotidiano. Além disso, o uso das embarcações no dia-a-dia pode, mesmo que indiretamente, pode estabelecer uma espécie de treinamento para o velejador, já que, o ato de andar pelas águas faz com que ele conheça ainda mais os ventos e as correntes das águas na laguna.

NA LINHA DE CHEGADA

Ao concluir este texto, é importante retomar que um dos seus objetivos foi o de realizar breves apontamentos sobre uma prática da qual se tem pouco registro, utilizando para isso, a voz de quem vive ou viveu as carreiras de caíco.

Num primeiro momento, saltou aos olhos questões como: 1) a mudança ocorrida ao longo do tempo na forma organizativa desta prática passando das mãos dos próprios praticantes, que combinavam desde a forma de disputa, trajetos até a premiação, para as mãos de gestores de uma festa anual da região; 2) a particularidade da existência da prática numa localidade – região sul do Rio Grande do Sul – em que os recursos hídricos são abundantes e interferem diretamente nas relações econômicas, culturais, sociais e esportivas dos habitantes; 3) a imbricação existente entre o trabalho e a prática da carreira de caícos, uma vez que os praticantes se configuram como àqueles

²¹ Falamos exclusivamente do rural tendo em vista que os dois depoentes são moradores da Ilha dos Marinheiros (comunidade rural). Entretanto, nunca houve exclusão de participantes por não serem moradores da Ilha. O que não havia (há) é o interesse de moradores de outros locais (rurais ou urbanos) em participar.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

que utilizam seus barcos rotineiramente para a pesca, para o transporte de pessoas ou de produtos agrícolas pelo sul da Laguna dos Patos, tirando daí, seu sustento.

Tais compreensões não impedem que outros vieses venham à tona em segundas e terceiras análises. Até porque, tratar da cultura náutica na região sul do Rio Grande do Sul, está para além de falar somente dos pescadores. Falar dessa cultura é expor questões vinculadas à economia, tradições, culinárias, e festejos. Portanto ao fechar a escrita desse texto, consideramos que em uma região onde as águas possuem significados tão diversos, não podia a Educação Física ser indiferente a isso, ficando ela atenta as possibilidades do uso das águas como formas de práticas esportivas e/ou lazer.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho In: **Revista Mal-estar e Subjetividade** – Fortaleza – Vol. VII – Nº 2 – p.479-500 – set/2007.

BURKHARDT, Jacob. **A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio**. São Paulo: companhia das letras, 2009, PP. 177-218.

CAMARGO, Rosângela Andrade Aukar; BUENO, Sônia Maria Villela. Lazer, a vida além do trabalho para uma equipe de futebol entre trabalhadores de hospital. In: **Revista Latino-americana de Enfermagem**. 11(4):490-8. julho-agosto/2003.

DEYON, Pierre. O mercantilismo. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

FERNANDES, Ricardo de Mattos. FREITAS, Alexandre Motta. Esporte a Vela e a Educação Física. In: **Efdeportes**. Revista Digital- Buenos Aires. Año11, Nº102. Noviembre/2006

FOUCAULT, Michel. A vida dos Homens infames. In: **O que é um autor**. 7.ed. Lisboa, Portugal: Nova Veja, 2009.

GARCEZ, Daniele Sequeira, SÁNCHEZ-BOTERO, Jorge Iván. Comunidades de pescadores artesanais no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. In: **Atlântica**, Rio Grande, 27 (1): 17-29, 2005.

JOHNSON, H.B. A colonização portuguesa do Brasil, 1500-1580. In: **História da América Latina: América Latina colonial**, vol I. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação Alexandre Gusmão, 2004.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

MAYOL, Pierre. O Fim de Semana. In: CERTEAU, Michel. GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2**. Tradução Ephraim Alves e Lucia Endlich Orth. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto: 2007.

PERRY, Marvin. Antecedentes da Reforma: a Igreja em medieval em crise In: **História Ocidental: Uma história concisa**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral** [seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago: tradução Fernando Luis Cássio e Ricardo Santhiago]. São Paulo: Letra e Vóz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na historia oral. In: **Muitas Memórias, Outras histórias**. Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury (orgs.). São Paulo: Olho d'Água, maio/2004.

STONE, L. **Causas da Revolução Inglesa 1529-1642**. São Paulo: Editora Edusc, 2000.

TODOROV, Tzvetan, **A Conquista da América**: A questão do outro; Escravidão, Colonialismo e Comunicação. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

ENTREVISTAS

Orides Quaresma (Seu Lido), Setembro de 2011.

Mário Dias, Setembro de 2011.

Frederico Albuquerque N° 173, Ilha dos Marinheiros, Rio Grande, RS
jonescorreia.edfisica@yahoo.com.br